ASPECTOS DA COMPLEMENTAÇÃO VERBAL DIRETA E DATIVA NO PORTUGUÊS DO LIBOLO (ANGOLA)

Kialunda Sozinho Kialanda [1], Eduardo Ferreira dos Santos [2]

RESUMO

A complementação verbal é um dos fenômenos que diferencia o português brasileiro (PB) do europeu (PE) em relação a realização dos objetos diretos e indiretos ou dativos (DUARTE, 1986; CYRINO, 1993,1997; TORRES MORAIS & BERLINCK, 2007; entre outros). Fez-se necessário, então, um estudo mais amplo da complementação verbal em demais variedades do português falado no continente africano, como a variedade angolana, em específico, o português falado no interior do país, como o município do Libolo (PLB). A partir de consultas a diferentes meios (físicos e digitais), fez-se um levantamento de trabalhos que tratavam da complementação verbal em português e, em seguida, realizou-se uma leitura criteriosa desse material. Em seguida, realizaram-se audições de entrevistas e monólogos, além de leituras de transcrições desse conjunto de material, de falantes nativos do município do Libolo (Angola) que posteriormente tiveram alguns trechos selecionados para a constituição do corpus da pesquisa a partir de um recorte de sentenças para destacar seus núcleos verbais e os possíveis complementos verbais. Através do trabalho de descrição preliminar proposto, percebeu-se que, embora não fosse nosso escopo um levantamento exaustivo das construções que apresentassem complementação verbal, concluímos que o PLB afasta-se do PE quando do uso da estratégia de CL para a complementação direta e aproxima-se do PB no uso de PR. Na complementação dativa, há o uso concomitante das preposições 'A/PARA', necessitando de estudos mais quantitativos de sua frequência de uso, assim como o uso da preposição 'EM'.

Palavras-chave:

língua portuguesa na África. português angolano. complemento verbal. sintaxe.

[1] UNILAB, IHL - Malês, Discente, e-mail: kialundaunilab@gmail.com
[2] UNILAB, IHL - Malês, Docente, e-mail: eduardo@unilab.edu.br

INTRODUÇÃO

Destacar a complementação verbal é importante porque diversos trabalhos apontaram as diferenças na gramática do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), como no quadro dos pronomes, no uso das preposições, na ordem dos constituintes, etc. A realização dos complementos verbais objeto direto (OD) e do objeto indireto (OI) dativo também já foi abordada nessas duas variedades e é apontada como um dos fatores que as diferenciam (DUARTE, 1986; CYRINO, 1993,1997; TORRES MORAIS & BERLINCK, 2007; entre outros).

Os complementos verbais podem ser classificados como argumentos preposicionados (OI) e não-preposicionados (OD). A natureza desses elementos está diretamente relacionada aos tipos de verbos veiculados nessas sentenças. Faz-se necessário, então, um estudo mais amplo da complementação verbal em demais variedades do português angolano, como a do Libolo, em que há intenso contato linguístico, o que nos ajuda a compreender as especificidades das variedades africanas do português.

METODOLOGIA

A partir da revisão bibliográfica acerca do referencial teórico adotado delimitou-se os conceitos básicos dos pressupostos teóricos da complementação verbal a partir de uma abordagem formalista. A delimitação dos dados ocorreu a partir de uma leitura criteriosa do corpus e o recorte de sentenças a partir do sintagma verbal e a sua complementação em objetos diretos e dativos. Em seguida, concluiu-se as descrições desses constituintes a partir do referencial teórico adotado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização de verbos transitivos ocorre no PLB, como nos nossos dados:
1) Eu ajudo a minha mãe
2) Eu aprendi ainda primeiro português
Os complementos verbais do verbo ‘ajudar’ e ‘aprender’ são, respectivamente, ‘a minha mãe’ e ‘português’. Os verbos bitransitivos são os que envolvem um argumento externo e dois argumentos internos, como o dado abaixo do PLB:
3) Só que num tei dei nenhuma dica
Em (3), o argumento externo do verbo ‘dar’ embora não se faça realizado na sentença, pode ser aferido pela flexão do verbo na primeira pessoa do pretérito (‘dei’). Os dois argumentos internos são ‘nenhuma dica’ e o ‘te’.
Na língua portuguesa, os complementos diretos são os sintagmas nominais (DPs) que ocorrem em sentenças transitivas (1) e (2) e em sentenças bitransitivas (3). No PLB, sua representação se dá por um DP, um CP e também por um IP:
4) Só temo... temo cin... cin... temo cincos irmãs
5) Disseste que você ia pegar uma cena meu
6) Lá fazia limpar o chão
Em (4), o complemento direto de ‘ter’ é o sintagma determinante (DP) ‘cinco irmãs’. O dado em (5) mostra que a complementação é feita por uma conjunção integrante ('que') introduzindo o OD. Em (6), a complementação verbal direta é assinalada pelo termo ‘limpar o chão’ - verbo no infinitivo. Em relação a posição ocupada pelo OD, nas sentenças passivas com verbos transitivos diretos, notamos que, assim como no PB (CAVALCANTE & FIGUEIREDO, 2009: 97), no PLB encontramos a posição de sujeito preenchida pelo OD e o agente não é mencionado:
7) Luanda ficou abarrotada
8) A fu– a makoka é levada na moagem
Em (7) e (8), a posição de sujeito é ocupada por‘Luanda’ e ‘a makoka’ que são os complementos verbais de

seus respectivos verbos. Nos dois casos, o agente não é mencionado, característica das construções passivas. Estudos do PB e PE apontam quatro estratégias de retomada na função de OD um elemento mencionado anteriormente no discurso (CAVALCANTE & FIGUEIREDO, 2009: 98). As quatro estratégias seriam: a) clítico (CL); b) objeto nulo (ON); c) pronome nominativo ELE/A (PR); d) sintagma nominal (DP). Vejamos as suas ocorrências no PLB:

9)DOC: Você tem cédula$_i$?

INF: Não num tenho$_i$ ainda

10) avô Camanga$_i$ fundou mesmo o baire já está morto até ver ele$_i$ com mínimo mesmo respeito

11) Vamos respeitar o soba... Soba$_i$ é pai grande... Respeito Aquele eu jurei mesmo assim respeitei muito o pai$_i$

Em (9), estamos diante de um caso de ON, em que a informante não realiza o complemento 'cédula', já mencionado anteriormente. Em (10), o pronome nominativo 'ele' é realizado na função de OD do verbo 'ver', quando a norma padrão preconiza a forma acusativa 'o': "já está morto até vê-lo com mínimo mesmo de respeito". Essas estratégias mostram que os termos não possuem autonomia discursiva e são interpretados apenas quando são correferentes a um elemento previamente explicitado. Em (11) o sintagma 'o pai' é retomado como OD de 'respeitar', mas que é referencialmente autônomo. Vale destacar que em nosso corpus não foi encontrada a estratégia de CL.

Assumindo que as estratégias de manifestação do OD anafórico distinguem as gramáticas das línguas, há diferenças no PB e PE. No PE apenas as estratégias de CL e ON estariam disponíveis (CAVALCANTE & FIGUEIREDO, 2009: 99), enquanto no PB ocorrem as três estratégias de retomada do OD: CL, ON e PR. Assim, parece-nos que o PLB aproxima-se do PB na presença da estratégia PR, como vimos em (10). No português de Luanda, também ocorre a estratégia PR, como apontado por Miguel (2003: 64):

12) Eu convido ela para ir connosco

Em relação a estratégia CL, não atestamos sua ocorrência. Esse fato parece caracterizar o PLB, como já visto por Figueiredo & Oliveira (2013: 48-52) para a mesma variedade, destacando que essa estratégia aparece em falantes com alto grau de instrução, ou seja, adquirida tardiamente pela educação formal. Figueiredo (2004), nas comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia, aponta a ausência total da estratégia CL, vista como uma forma não-vernacular e adquirida em contexto escolar.

O complemento dativo (OI) é o argumento verbal presente nas construções bitransitivas e com papel semântico de alvo/meta/fonte, realizado por um sintagma nominal (DP) introduzido pela preposição A ou por um clítico. No PB e no PE, a realização do complemento dativo não são iguais considerando i) a possibilidade de redobro; ii) a presença e o tipo de preposição introdutora; iii) a natureza do pronome usado em contexto anafórico (CAVALCANTE & FIGUEIREDO, 2009: 119).

No PE, o OI é realizado, na maioria dos casos, como um sintagma nominal introduzido pela preposição A:

13) O João comprou uma bola ao Pedro

Em (13), o sintagma preposicionado ao Pedro é o argumento dativo, com dupla leitura de origem ou ponto final do movimento de compra. Ao substituir a preposição A por PARA, há uma leitura de beneficiário da ação de comprar e com função de adjunto adverbial:

14) O João comprou uma bola para o Pedro

O redobro do complemento dativo também é uma forma de caracterizar o PE, com a forma clítica LHE, obrigatória diante do sintagma dativo introduzido pela preposição A (CAVALCANTE & FIGUEIREDO, 2009: 120; dados renumerados):

15) Dei-lhe o livro a ela

Em nosso corpus, não encontramos a realização do redobro do clítico

Torres Morais & Berlinck (2007) apontam para o PB duas mudanças na realização dos complementos dativos quando comparadas ao PE: i) perda quase completa do pronome clítico de terceira pessoa LHE(s), que ocorre substituído pelo pronome forte ELE/ELA introduzido pela preposição ou não é realizado; ii) variação entre as preposições A e PARA, com uso frequente da segunda. Destacamos no PLB a realização do:

LHE – OI

16) Agora... agora como arranjei-lhes já um outro vigilante

LHE – OD

17) [pediram três filhos à minha mãe] Pra lhes ajudarem
PREPOSIÇÃO A
18) dou um salário ao rapazinho que fica lá a tomar conta das crianças
PREPOSIÇÃO PARA
19) Teve que voltar ir pra Calulo
PREPOSIÇÃO EM
20) A caçule é que foi em Luanda este ano
Para Figueiredo Silva (2007), o uso da preposição PARA em lugar de A, no PB, resulta em uma estrutura de adjunto, justificando a perda do clítico dativo LHE apontado por Torres Morais & Berlinck (2007). No entanto, a autora justifica uma extensão do emprego do clítico LHE na pronominalização do OD de segunda pessoa no lugar dos acusativos O/A. Desse modo, haveria uma recategorização do clítico LHE no PB e não o seu apagamento. No português do Libolo, há registros do uso do LHE como OD:
21) eles chegaram aqui, lhes levaram até lá nos capim [JOMICH3] Figueiredo & Oliveira (2013: 148)
Segundo Campos (2010: 44), no português de Luanda a preferência do complemento dativo é com a preposição A:
22) Estamos a desejar bom fim de semana a todos
Foi registrado, contudo, uma ocorrência de complemento dativo introduzido pela preposição PARA (dado 11, renumerado):
23) nós utilizamos filtro de areia, a camada de areia então é filtrada [...] depois de apanhar o cloro é que vai para a cisterna, e aí é que se vai distribuir para a população
Cavalcante & Figueiredo (2009: 122) apontam que a ausência de preposição em DPs ativos é rara no PB e no PE, sendo agramatical ou marginal em alguns dialetos. No PLB, há a não-realização da preposição no complemento dativo:
26) tinha ido Luanda fiz lá três anos

CONCLUSÕES

Embora não fosse nosso escopo um levantamento exaustivo das construções que apresentassem complementação verbal, concluímos que o PLB afasta-se do PE quando do uso da estratégia de CL para a complementação direta e aproxima-se do PB no uso de PR. Na complementação dativa, há o uso concomitante da preposição A/PARA, necessitando de estudos mais quantitativos de sua frequência de uso, assim como o uso da preposição EM. Nota-se, também, a ausência de preposição no complemento datívo, que seria característica marginal no PB e PE, apontando para uma particularidade do PLB em relação a essas duas variedades do português, mas uma aproximação com uma variedade africana, a moçambicana.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos á PROPPG pela bolsa de Iniciação Científica através do Edital 03/2017.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, E.A. Notas sobre a expressão do objeto indireto no português angolano. In: MARÇALO, M.J. et al. (eds.). Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. Évora: Universidade de Évora, 2010.
CAVALCANTE, R. & FIGUEIREDO, C. Complementos verbais diretos e dativos. In: LOBO, T. & OLIVEIRA, K. África à vista. Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX. Salvador: Edufba, 2009, p. 90-137.
CYRINO, S.M.L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In:

ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (orgs.). Português Brasileiro: uma viagem diacrônica. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993, p. 163-184.
CYRINO, S.M.L. O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. Londrina: Editora da UEL, 1997.
CYRINO, S.M.L.; NUNES, J.; PAGOTTO, E. Complementação. In: KATO, M. & NASCIMENTO, M. (orgs.). Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença. Vol III. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 47-96.
DUARTE, M.E.L. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC, 1986.
FIGUEIREDO, C. O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro. Dissertação de mestrado. Salvador: UFBA, 2004.
FIGUEIREDO, C.F.G. & OLIVEIRA, M.S.D. Português do município do Libolo, Angola, e português étnico da comunidade de Jurussaca, Brasil: cotejando os sistemas de pronominalização. PAPIA 23(2), 2013, p.105-185.
FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. A perda do marcador dativo e algumas de suas conseqüências. In CASTILHO, Ataliba T. de et alii (Org.). Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro. São Paulo: Fapesp, Campinas: Pontes Editores, 2007. p. 85 a 110.
MIGUEL, M.H. A língua portuguesa em Angola: normativismo e glotopolítica. LUCERE 5, ano 4, Luanda, 2008, p.35-48.
TORRES MORAIS, M.A.C.R. & BERLICK, R.A. Eu disse pra ele ou disse-lhe a ele: a expressão do dativo nas variedades brasileira e europeia do português. In: CASTILHO, A.T. et al. (orgs.) Descrição, história e aquisição do português brasileiro. São Paulo: Pontes/FAPESP, 2007, p.61-74.